

Perguntei ao Google e ele me ensinou que Maria de Lourdes Sylvestre Mahl é graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem São José, que ela concluiu Mestrado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, que especializou-se em Saúde Pública pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e em Educação em Saúde na Universidade Federal de São Paulo, sendo, atualmente Professor Assistente da nossa Faculdade, lotada junto ao Departamento de Saúde Pública onde exerce função docente no Curso de Medicina, com ênfase em educação, em apoio psicopedagógico e em atendimento pré-hospitalar. Mas, por mim, isso tudo é pouco. É muito pouco para saber de Maria de Lourdes Sylvestre Mahl, a nossa Maria de Lourdes da Enfermagem. O Google me mostrou apenas uma das poucas faces da plurifacetada Professora.

Professor! Esse é o título mais gostoso que a gente tem e ostenta depois de tanto tempo trabalhando na SANTA. E o ostentamos com orgulho. Porque é difícil merecê-lo.

Para merecê-lo , a Professora Maria de Lourdes lançou mão não só de seu talento inato para a docência como lapidou mais faces. E isso fez em Cursos especiais: o de Habilidades Essenciais em Educação Médica (pela Associação Brasileira de Educação Médica, no Rio de Janeiro), e em Cursos de Aperfeiçoamento Docente (pela nossa Faculdade). Isso lhe permitiu, a partir de 1974, logo depois de sua graduação como Enfermeira, ser contratada para coordenar a Disciplina que , no currículo pleno do Curso de Medicina da Faculdade, tinha o singelo nome de “Noções de Enfermagem” e que atualmente, com o dobro de carga horária, se chama “Enfermagem em Atenção Básica e Hospitalar e Atendimento Pré-Hospitalar”.

Quero contar aos colegas mais novos, aqui presentes, que Emilio Athié, quando presidiu a Associação dos Médicos da Santa Casa, presidiu também o Conselho de Orientação Científica, o “COC”, que estava organizando o currículo pleno de uma Escola Médica na Santa Casa, conforme informação que o então Provedor da Irmandade da Misericórdia, o Doutor Chistiano Altenfelder Silva, em Outubro de 1962, passara à Mesa Administrativa, e que iria substituir Professores e Alunos da FMUSP que da Santa Casa se mandaram para a Avenida Doutor Arnaldo, no novo Hospital de Clínicas.

Na elaboração deste currículo, Emilio Athié pesquisara muito com seus pares do “COC” (os Professores Oscar Monteiro de Barros, Walter Edgard Maffei, Zeferino Vaz e Costa Manso, este representando a Irmandade e um entusiasta da criação da Escola que Nairo França Trench e os citados Oscar Monteiro de Barros e Walter Edgard Maffei afirmavam enfaticamente que era imprescindível no grande Hospital. Costa Manso se revelava seu entusiasmo falando da sua visão de “calouros”, desde a sua entrada no Curso (que iniciaria em 1963), contatando-se com os doentes nas Enfermarias e nos Ambulatórios. Essa era uma atrevida novidade na formação de médicos, coisa que jamais passara pela ideia das quatro Faculdades de Medicina então existentes no Estado (a “Pinheiros”, a “Paulista”, a de Ribeirão Preto e a de Sorocaba.

O Professor Oscarzinho, sobre isso, alertara que para tanto ser possível, os “calouros”, também precocemente, precisariam receber informações de Propedêutica.

O Professor Edwin Castello, convocado para ensinar a matéria, além de concordar com a novidade, observou que a eficiência do contato dos moços com os pacientes demandaria aprendizado de manobras que apenas a Enfermagem poderia ensinar.

Todos concordes com isso, convocaram a Imã Maria Gabriela Nogueira, então encarregada da Enfermagem do Hospital todo, e Diretora do Curso de Enfermagem criado pela Irmandade, a Escola de Enfermagem “São José” para ensinar “*as manobras que apenas a Enfermagem poderia ensinar*”.

A Irmã Gabriela topou a empreitada de imediato.

E a partir de 20 de Maio de 1963, quando se iniciaram as aulas, esses “atrevimentos” iniciaram também: “calouros” à beira dos leitos, aulas de Propedêutica e aulas de Enfermagem, duas disciplinas integradas ao currículo pleno aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura que autorizara o funcionamento da Faculdade.

Quando a Irmã Gabriela e suas imediatas sucessoras cessaram suas atividades (coisa de 10 anos depois do início do Curso de Medicina), em 1974 assumiu a coordenação do ensino de Enfermagem uma ex-aluna da “São José” (que então cessara sua atividade, lá na Martinico Prado). Essa ex-aluna era santista, filha do Senhor Ary Oliveira Sylvestre e da Senhora Olga Martins Sylvestre (que na “São José” fora aluna da Professora Maria do Carmo Querido Avelar) e que era a nossa Maria de Lourdes.

A Maria de Lourdes, que começou lá em 1974, agora, em 2018 está parando.

Nesses 44 anos de muita atividade, sempre com os primeiranistas do Curso de Medicina, ainda arranjou tempo para ajudar o ensino da Escola de Enfermagem “São José” (que fora reinaugurada), ajudar o ensino da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Guarulhos, ajudar o ensino da Academia Paulista Anchieta.

E mais: ainda arranjava tempo para, no Departamento de Medicina Social, agora Departamento de Saúde Pública, pesquisar, escrever, publicar ou levar a Congressos dezenas de trabalhos acadêmicos, apresentando-os como autora única ou na coautoria com colegas docentes do seu Departamento e de toda a Faculdade, dentre os quais aponto como o meu saudoso Álvaro Marcolino, a Ligia Andrade da Silva Telles Mathias (com quem escreveu oito trabalhos), o Roberto Alexandre Franken, o José Carlos Bonadia, o Osiris Simões, o Cássio Silveira, o Nelson Felice de Barros, a Selma Spinelli, a Célia Regina Cafer, e tantos outros que seria tedioso citar e perigoso esquecer, mas sem deixar de apontar com saliência a não menos saudosa Regina Maria Giffoni Marsiglia; ambas dividiram-se, juntas, em mais de uma dezena de trabalhos.

Também arranjou tempo para se fazer presente em quase 70 eventos (Congressos, Seminários, Simpósios, Fóruns, Oficinas) onde a maioria dos encontros tinha como mote principal a Educação nos Cursos de Medicina.

É bastante? Não! Ainda encontrou tempo de participar ativa e incisivamente de colegiados como a Associação Brasileira de Educação Medica, o Centro de Estudos “Augusto Leopoldo Ayrosa Galvão”, e a Associação dos Docentes da Santa Casa (ADOSC), sempre nos colegiados com postura contestatária, ao mesmo tempo que sábia e conselheira, junto ao grupo a que pertencia.

Por mim, e terminando, digo-lhes que é um privilégio esse que tenho, o de conhecer Maria de Lourdes Sylvestre Mahl, a Maria de Lourdes da Enfermagem, desde quando ela aqui chegou como docente, em 1974, dez anos depois de eu ter chegado em 1964.

Por isso tenho muitas história dela e sobre ela.

Uma delas é especial, e não posso deixar de lhes contar:

um dia, faz tempo, um aluno, bem do início do segundo ano de Medicina, no caminho às aulas, manhã cedinho, próximo da Santa Casa viu um reboliço à frente; curioso, foi até lá; montes de gentes cercavam um senhor de meia idade semiconsciente, convulsando caído ao chão; o aluno chegou até ele, ajeitou seu corpo, elevou a cabeça fazendo almofada com seu jaleco, certificou-se do pulso, deduziu a temperatura, apalpou cá e lá, fez massagem cardíaca, fez respiração boca-a-boca e quando falaram em chamar o “Resgate” teve a inciativa de pedir ajuda para levar o cujo até o PS da SANTA que era perto, onde, atendido, o paciente melhorou e teve alta. Sabedor do fato pelos colegas, solicitei a presença dele na Secretaria e lhe perguntei de onde viera tanta iniciativa por parte dele, fazendo com que se salvasse aquela vida; despretensiosamente, ‘té mesmo com um certo acanhamento, me disse:

*- “Ah, Professor fiz apenas o quê a Professora Maria de Lourdes me ensinou no ano passado!”*

Essa, prezados amigos, é a Maria de Lourdes da enfermagem que eu conheço.

Ela é uma das melhores lições que aprendi nos 54 anos que aqui estou.

E foi um dos privilégios mais emocionantes destes meus 54 anos na Faculdade da Santa Casa, poder lhes contar o que lhes contei.

Sobre a Maria de Lourdes, a quem dedico meu emocionado agradecimento.

